

Repatriando capitais

O Banco Central suspendeu as autorizações para a conversão de empréstimos externos em investimentos estrangeiros no País por um motivo simples: foi detectada uma manobra lá fora para viabilizar a repatriação de capitais investidos no Brasil, em períodos mais curtos do que os atuais cinco anos de carência para pagamento das amortizações da dívida externa, cujo efeito seria desastroso para a economia brasileira. Este tipo de manobra reflete não apenas o alto risco que o País representa hoje, poucos meses antes da nova renegociação da dívida externa, mas também o descrédito das empresas multinacionais na possibilidade de reativação do nosso mercado interno, achado cada vez mais pela recessão e contenção da demanda.

O esquema funciona da seguinte forma: pressionado pelos acionistas, os bancos estrangeiros que são nossos credores estão procurando se desfazer de qualquer jeito dos **brazilian papers**, vendendo estes créditos a receber a matrizes de multinacionais que operam no País, com deságios que estariam atingindo até 30% sobre o valor original das posições. A matriz da multi adquire o papel dos bancos e o transforma em investimentos diretos aqui no País, mediante a autorização do Banco Central. Até aí tudo bem (a não ser pelo agravamento da falta de credibilidade em nossa economia), se não fosse o próximo passo: uma vez transformados em investimentos, os recursos poderiam ser novamente retirados do Brasil através da simples repatriação de capital, supondo que a filial da multinacional venda suas ações ou transfira seu controle a terceiros.

O que aconteceu, para que um dos maiores mercados consumidores do mundo passasse a ser considerado um mal negócio, todo mundo sabe muito bem: a não ser as empresas voltadas quase exclusivamente para exportações, que se beneficiam aqui dentro da mão-de-obra barata, as demais multinacionais estão sofrendo também com a retração geral no consumo interno, provocada pela política salarial do arrocho aliada ao aperto monetário. Curioso é que estes efeitos do "programa de ajustamento" foram intencionalmente procurados pelos especialistas do Fundo Monetário Internacional, encarregados de salvar o lado dos banqueiros internacionais.

Agora vêm os próprios credores com propostas de pano-quente, se dizendo preocupados com o agravamento das tensões sociais nos devedores latino-americanos — cujas origens estão nos desequilíbrios de balanço de pagamentos e transferências maciças de renda líquida ao exterior. Suas propostas como ficou claro após a reunião de Filadélfia, acenam com condições menos draconianas para o pagamento da dívida externa mas em nenhum momento incluem a substituição dos 'Gprogramas de ajustamento' do FMI por políticas de retomada do crescimento econômico. Para o povo brasileiro não haverá muita vantagem imediata em renegociar a dívida sob condições mais suaves se isto não implicar também na possibilidade de políticas econômicas não-recessivas. E debaixo da batuta do FMI isso não vai acontecer, nem aqui nem na Argentina, nem em lugar nenhum. Arnolfo Carvalho